



O GRANDE CISMA DO OCIDENTE (1378-1417) EM *O SONHO* (1399), DE BERNAT METGE

Matheus Corassa da Silva²³

Resumo: O "Grande Cisma do Ocidente" foi um verdadeiro cataclismo ocorrido no final da Idade Média na Europa. Motivo de profundas discórdias religiosas e políticas, essa fratura espiritual da Cristandade foi expressa em diversas obras da época. Em nosso caso, "*Lo somni*" (*O Sonho*), Bernat Metge a insere, como um dos temas do Livro II, quando o espírito de D. João I, o *Caçador* (1350-1396), rei de Aragão e Valência, lamenta a Metge sua sorte no Além: o destino de sua alma foi, em boa medida, determinado por ter escolhido o antipapa de Avignon. A proposta de nosso artigo é analisar a forma como o "Grande Cisma" se manifestou literariamente em "*Lo somni*".

Palavras-chave: Bernat Metge, *O Sonho*, Grande Cisma do Ocidente, João I de Aragão, papado de Avignon.

Abstract: The Great Western Schism was a real mental cataclysm occurred in the late Middle Ages in Europe. Reason of deep political disagreements, this spiritual fracture of Christianity was expressed in various works of the time. In our case, *Lo somni* (*The Dream*), Bernat Metge inserts, as one of the themes of Book II, when the spirit of John I the Hunter (1350-1396), King of Aragon and Valencia, Metge regrets his luck in Hereafter: the destiny of his soul was, in large part, determined by choosing the (anti) Pope of Avignon. The proposal of our article is to analyze how the "Great Schism" was manifested literarily in *Lo somni*.

Keywords: Bernat Metge, *The Dream*, The Great Western Schism, John I of Aragon, Avignon papacy.

²³ Estudante de graduação em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Aluno pesquisador do Grupo de Pesquisa do CNPq "Humanismo, Literatura e Filosofia" coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa (www.ricardocosta.com), e do Projeto "As projeções oníricas na História: *Lo somni* de Bernat Metge (1340-1413)". *E-mail:* matheuscorassa@hotmail.com.

1. Introdução

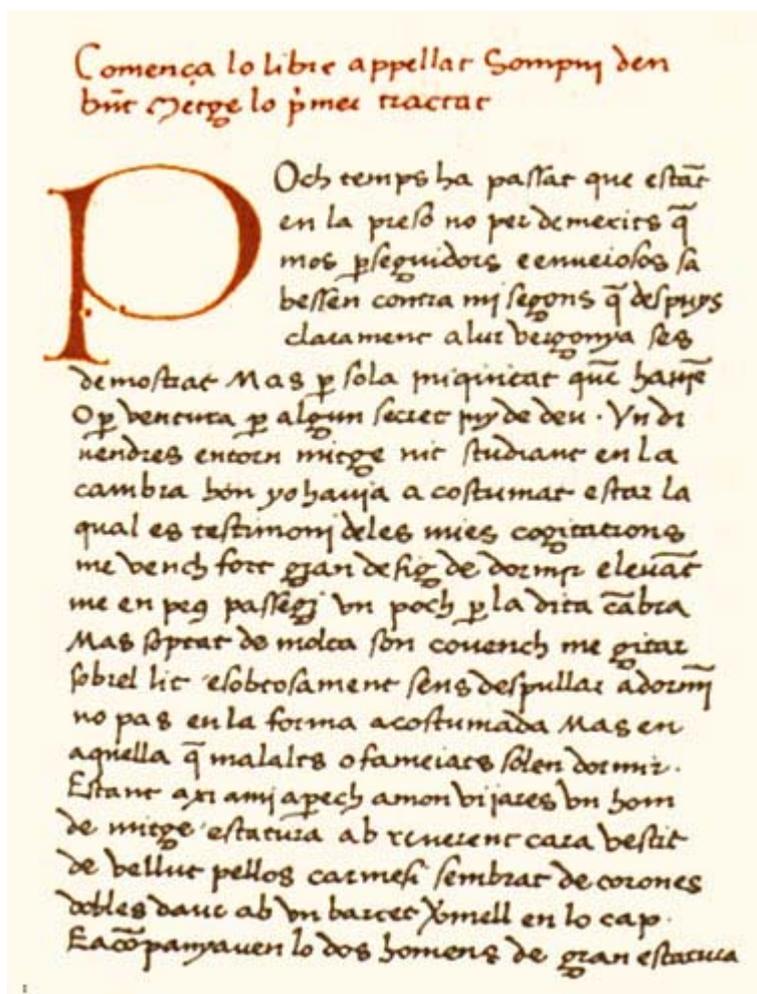


Imagem 1: Manuscrito P de *Lo somni*, Bibliothèque Nationale de Paris. A obra literária *Lo somni*, publicada em 1399, coroou a carreira do escritor Bernat Metge. Já traduzida para diversas línguas, e agora para o português, é considerada uma das principais joias do Humanismo catalão.

O presente artigo é fruto das primeiras impressões que tive de *Lo somni* (*O sonho*), obra literária publicada por volta de 1399 pelo catalão Bernat Metge. Esse estudo se insere no projeto de pesquisa “As projeções oníricas na História: *Lo somni* de Bernat Metge (1340-1413)”, coordenado por Ricardo da Costa, que traduziu pela primeira vez o texto para o português, diretamente do original em catalão medieval.²⁴ Esse trabalho está sendo desenvolvido sob os auspícios do projeto IVITRA (*Institut Virtual Internacional de Traducció – Universitat d’Alacant*).

²⁴ Tradução em fase de elaboração cedida, gentilmente, por Ricardo da Costa para a elaboração deste trabalho.

Bernat Metge (c. 1340-1413) foi um dos mais destacados funcionários da Chancelaria do Reino de Aragão. Graças à intercessão de seu padraсто, Ferrer Sayol, Metge chegou à corte e serviu, primeiramente, à rainha Leonor de Sicília (1325-1375) e ao rei Pedro IV de Aragão, o *Cerimonioso* (1319-1387)²⁵. Em 1375, passou a servir o futuro rei João I (1350-1396), o *Caçador*,²⁶ e sua esposa, Violante de Bar (1365-1431).

Na Chancelaria de João I, Metge teve contato com textos clássicos, como as *Disputas Tusculanas* e *O Sonho de Cipião*, de Cícero (106-43 a.C.),²⁷ *A consolação da Filosofia*, de Boécio (480-525),²⁸ além de obras dos renascentistas florentinos, como Petrarca (1304-1374),²⁹ Dante (1265-1321)³⁰ e Boccaccio (1313-1375).³¹ Assim, Metge foi um dos responsáveis por introduzir o humanismo na literatura de Aragão e da Catalunha.

Os escritos mais conhecidos do autor são o *Livro da Fortuna e da Prudência* (c. 1381), *Ovídio enamorado*, *Valter e Griselda* (c. 1388) além, é claro, de *O sonho*, escrito provavelmente entre 1396 e 1398.

O Livro II de *O sonho* discorre sobre o *Grande Cisma do Ocidente* (1378-1417), evento que rachou a Cristandade europeia ocidental do século XIV, e que analisarei nesse trabalho. Para isso, farei, em primeiro lugar, uma breve contextualização histórica do acontecimento.

²⁵ Pedro IV, o *Cerimonioso*, foi rei de Aragão, Sardenha, Córsega, Valência e conde de Barcelona entre 1336 e 1387, ano de sua morte. Fez-se rei de Maiorca em 1344 e duque de Atenas em 1381. Foi o 8º monarca da dinastia de Barcelona.

²⁶ Filho do *Cerimonioso* com Leonor da Sicília, João I foi rei de Aragão, Valência, Sardenha, Maiorca, Córsega e conde de Barcelona entre 1387 e 1396. Amante da caça, grande patrocinador das Artes e das Letras.

²⁷ Marco Túlio Cícero foi um destacado filósofo, escritor, político e orador romano. Cícero apresentou as escolas filosóficas gregas aos romanos e se destacou por criar um vocabulário filosófico em latim. Uma de suas principais obras foi *Da República*, famosa por seu livro VI conhecido como “O Sonho de Cipião”. Ver COSTA, Ricardo da. *O Sonho de Cipião de Marco Túlio Cícero*. In: LAUAND, Luiz Jean (coord.). *Revista NOTANDUM*, Porto, n. 22, Ano XIII, p. 37-50. jan-abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/sonhocipiao.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

²⁸ Anício Mânlio Torquato Severino Boécio foi um filósofo e teólogo romano. Exerceu os cargos de senador de Roma, de cônsul e, após a queda do Império, de conselheiro de Teodorico, rei ostrogodo. Sua obra mais famosa foi *De Consolatione Philosophiae* (*Da Consolação da Filosofia*). Por suas contribuições à teologia cristã, foi considerado um dos Padres da Igreja e beatificado em 1883 pelo papa Leão XIII. Ver BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

²⁹ Francesco Petrarca foi um poeta, latinista e filólogo expoente do Humanismo italiano. É considerado o “pai do Humanismo” e o inventor do soneto. Dentre suas diversas obras, podemos destacar *Il canzoniere* e *Trionfi*, ambas escritas em forma de poesia. Ver PETRARCA, Francesco. *Il canzoniere*. Milano: Rizzoli, 1954; PETRARCA, Francesco. *Trionfi*. Milano: Rizzoli, 1956.

³⁰ Dante Alighieri foi, ao lado de Petrarca e de Boccaccio, um dos mais destacados humanistas italianos. Grande poeta, escritor e político, consagrou-se por ser o primeiro poeta a escrever em língua italiana. Sua obra-prima, *La Divina Commedia* (*Divina Comédia*) é considerada um clássico da literatura internacional, sendo traduzida para diversos idiomas, inclusive o português. Ver DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Edição bilíngue. 3 volumes. São Paulo: Editora 34, 1998.

³¹ Giovanni Boccaccio foi um poeta e crítico literário da obra de Dante. Grande humanista italiano, teve uma vasta produção bibliográfica. Destaco, entre suas principais obras, *Il Decameron* (*Decamerão*) e o *Corbaccio*, que Metge usa como referência.

2. O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417)

Entre 1305 e 1376 a sede do papado esteve na cidade de Avignon, na França. Clemente V e toda a cúria romana se transferiram para o condado de Provença, pertencente à casa dos Anjou,³² no dramático episódio que ficou conhecido como o “Cativo da Babilônia”. Em 1377, o papa Gregório XI (c. 1329-1378)³³ reinstalou seu pontificado em Roma, após fortes pressões populares e atendendo aos apelos de Santa Catarina de Sena (1347-1380).³⁴

Gregório XI morreu no mês de março do ano seguinte, aos 47 anos de idade. A notícia de sua morte foi motivo de desordens entre a população romana, que temia o retorno do papado a Avignon. Era imprescindível a eleição de um papa italiano para que Roma pudesse novamente dirigir a Cristandade. Diante de uma multidão ameaçadora, o Colégio Cardinalício se reuniu em conclave no início de abril. Amedrontados com uma possível insurreição popular, os cardeais procederam com uma eleição rápida, favorável ao napolitano Bartolommeo Prignano, arcebispo de Bari. Prignano foi coroado solenemente como o novo papa e adotou o nome de Urbano VI (1318-1389).

Urbano VI, ainda cardeal era o “nome da concórdia”, uma vez que agradava ao mesmo tempo às “facções” francesa e italiana do Colégio cardinalício.³⁵ Bom conhecedor da administração pontifícia, era um homem piedoso, com boa parte de sua formação em Avignon. No entanto, o novo papa revelou, tão logo eleito, uma brusca mudança de conduta. Assumiu um

³² Em 1305, o condado de Provença era controlado por Carlos II de Anjou (1254-1309), também rei de Nápoles. Isso explica a opção do reino de Nápoles pela obediência avignonense em 1378, uma vez que a governante era Joana I (1326-1382), última representante da dinastia de Anjou. Para o drama do papado em Avignon, ver COSTA, Ricardo da. “*Non sine cordis amaritudine et dolore – “No es sin dolor y amargura en el corazón”*: Clemente V y la supresión de la Orden del Temple”. In: **Abacus 10 - El filo de la esencia. De la gloria al descenso a los infiernos. Número conmemorativo. 700 años del fin de un mito** (Abril-Junio de 2012), p. 42-57. Disponível em:

<<http://www.ricardocosta.com/pub/artigo%20Ricardo%20Abacus%2010.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

³³ Gregório XI, nascido Pierre-Roger de Beaufort, exerceu seu pontificado entre 1370 e 1378, quando faleceu.

³⁴ Santa Catarina de Sena (ou de Siena) foi uma leiga ligada à Terceira Ordem de São Domingos. Além de dedicada aos atos de caridade e ao cuidado dos enfermos, teve importante participação política na Itália do século XIV. Diz-se que suplicou ao papa Gregório XI que retornasse a Roma, ato fundamental para o restabelecimento da unidade da Igreja e para a pacificação do território italiano. Embora analfabeta, ditou cerca de 300 cartas endereçadas a toda a sorte de pessoas, desde papas e reis até o povo humilde. Tais cartas foram fundamentais para colocar Catarina em evidência tanto política quanto espiritualmente. No século XX, foi declarada Doutora da Igreja pelo papa Paulo VI e co-padroeira da Europa pelo papa João Paulo II. Ver SANTA CATARINA DE SENA. **Cartas completas**. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

³⁵ As “facções” a que me refiro são divisões internas, não oficiais, do Colégio de cardeais. Enquanto a sede do papado esteve em Roma, os cargos de confiança eram ocupados, em sua maioria, por cardeais italianos. Com a transferência da cúria para Avignon, a corte papal seria formada por uma maioria de cardeais franceses. Restabelecida a sede da Sé Apostólica em Roma, houve um choque de interesses entre esses dois grupos, o que concretizou uma ruptura também no Colégio de Cardeais.

discurso crítico e reprovador de certas atitudes dos outros cardeais, o que começou a produzir atritos com os mesmos.

Em 1378, parte do Colégio de Cardeais se retirou para Anagni e depois para Fondi, onde realizaram uma nova eleição. Inconformados com as atitudes de Urbano, os cardeais afirmavam que sua eleição tinha sido inválida, visto que o conclave havia se reunido sob pressão. O eleito foi o cardeal Roberto de Genebra, que adotou o nome de Clemente VII (1342-1394).³⁶ Estava concretizada a ruptura. Em 1379, Clemente VII se instalou em Avignon. Diante de uma Cristandade atônita, tinha-se, a partir de então, uma Igreja bicéfala.

Tão logo se produziu o Cisma, as duas partes buscaram alianças políticas internacionais. Carlos V (1338-1380),³⁷ rei da França, e Amadeu VI (1334-1383),³⁸ conde de Savoia, reconheceram Clemente VII como o verdadeiro papa. O mesmo fez o reino da Escócia, aliado da França. A Inglaterra reconheceu Urbano VI, assim como o sacro-imperador Carlos IV (1316-1378)³⁹ o fez. Também se posicionaram urbanistas a Hungria e Flandres.

Nos reinos ibéricos, o clima foi mais cauteloso. Em Castela, Henrique II (1334-1379)⁴⁰ se declarou neutro; a mesma posição foi a de João I (1358-1390)⁴¹, seu filho, que relutantemente convocou uma assembleia do clero para que pudessem chegar a um denominador comum; em 1380, Castela se decidiu por Clemente VII. O rei aragonês Pedro IV, *o Cerimonioso*, também se declarou indiferente, mas não tardou a se colocar favorável ao papa avignonês. Carlos II (1332-

³⁶ O antipapa Clemente VII governou sua obediência entre 1378 e 1394. Clemente VII e Urbano VI concretizaram o cisma excomungando-se mutuamente.

³⁷ Conhecido como o *Sábio*, Carlos V era membro da casa de Valois e governou a França entre 1364 e 1380. Seu reinado marcou o fim da primeira parte da Guerra dos Cem Anos, de modo que conseguiu recuperar boa parte dos territórios perdidos e tirar o reino francês de sua ruína financeira. Seu posicionamento em relação ao cisma se deu em seus últimos momentos de vida.

³⁸ Apelidado de “O Conde Verde”, Amadeu VI governou Savoia entre 1343 e 1383. Sua alcunha se deve ao costume que tinha de se vestir, frequentemente, com a cor verde, além de aparecer em ocasiões oficiais escoltado por uma tropa revestida da mesma cor. Foi um importante ator político na Itália, aliando-se, por exemplo, ao rei Luís I de Nápoles (a pedido do antipapa Clemente VII) e a Giangaleazzo Visconti, *signore* de Milão, que se casou com Bianca de Savoia, irmã de Amadeu.

³⁹ Pertencente à casa de Luxemburgo, Carlos IV herdou, em 1347, o condado de Luxemburgo e o reino da Itália, além de se tornar rei da Boêmia. No mesmo ano foi coroado “Rei dos romanos” (um dos títulos do Sacro-imperador) com o apoio do papa Clemente VI. Governou até sua morte, em 1378, dando incondicional apoio à obediência romana.

⁴⁰ Henrique II, chamado o *das Mercês*, governou Castela entre 1369 e 1379. Inaugurou a dinastia de Trastâmara nas Coroas unidas de Leão e Castela. Tornou-se aliado fiel de Carlos V da França e de Pedro IV de Aragão após participar de diversas batalhas na Guerra dos Cem Anos e derrotar Fernando I de Portugal e João de Gaunt, duque de Lancaster, ambos pretendentes ao trono castelhano.

⁴¹ João I foi o sucessor de Henrique II no trono de Leão e Castela, reinando entre 1379 e 1390. Tal como o pai, participou de algumas batalhas na Guerra dos Cem Anos ao lado dos franceses, além de investir contra Portugal, reino ao qual almejava o trono.

1387),⁴² de Navarra, foi o único monarca a não abandonar a neutralidade, conservando-a até sua morte. Portugal, sob o governo de Fernando I (1345-1383),⁴³ apoiou Clemente VII; no entanto, a partir de 1383, já sob a política de João I (1357-1433),⁴⁴ o reino português favoreceu o papado romano.

Na Itália, o reino de Nápoles optou por Clemente VII.⁴⁵ Já os Estados do norte da península se posicionaram a favor de Urbano VI. Antes de se instalar em Avignon, Clemente VII permaneceu alguns meses em território italiano. Com os dois pontífices em mesmo solo, a Itália esteve prestes a se tornar palco de uma guerra entre ambos, afinal a primeira tentativa de superação do cisma era pela força, a chamada *via facti* (PALENZUELA, 2005, p. 717). Felizmente, o conflito não chegou a ser iniciado.

Em 1389 morria Urbano VI. Surgia um novo alento de ver, mais uma vez, a Cristandade unida sob um mesmo líder espiritual. No entanto, todas as expectativas foram frustradas e, quinze dias após sua morte, o napolitano Pietro Tomacelli era eleito o novo papa, que adotou o nome de Bonifácio IX (1356-1404).⁴⁶ O Cisma persistia.

Com a morte de Clemente VII, em 1394, mais uma vez se tinha a expectativa de que a divisão da Igreja chegaria a seu fim. Contudo, os cardeais da obediência avignonesa não depositaram seus votos no papa romano. Procederam, assim, com uma nova eleição, que recaiu sobre o cardeal aragonês Pedro de Luna. Adotou o nome de Bento XIII (1328-1423).⁴⁷

Mesmo sabendo que o cisma persistiu até 1417 (e que nesse meio tempo mais um antipapa surgiu), como nosso objetivo é analisar as manifestações literárias do conflito em *O sonho*, não é necessário que estendamos a contextualização até a resolução do evento, já que ela

⁴² Carlos II, o *Mau*, foi rei de Navarra e conde de Évreux entre 1349 e 1387. Era neto de Luís X da França (1289-1316), o que o tornava, portanto, descendente direto da dinastia Capetíngia.

⁴³ Fernando I foi o nono rei de Portugal, da casa de Borgonha, e governou entre 1367 e 1383. Chamado o *Inconstante*, ditou uma desastrosa política externa, que lançou o reino por três vezes numa guerra contra Castela, a ponto de o trono quase cair em mãos estrangeiras após sua morte.

⁴⁴ João I sucedeu Fernando I e foi o primeiro representante da dinastia de Avis, governando Portugal entre 1385 e 1433. Assume o trono em meio à chamada “Revolução de Avis”, contendo as pretensões castelhanas a Coroa portuguesa. Rompeu com o papado de Avignon e submeteu-se à obediência romana como forma de mostrar sua independência em relação a Castela, que na época apoiava Clemente VII.

⁴⁵ Ver nota 11.

⁴⁶ Bonifácio IX foi papa da obediência romana entre 1389 e 1404. Dito hábil em assuntos diplomáticos, não se apresentou dessa maneira no diálogo com Avignon, de modo que sabotou todas as tentativas de conciliação.

⁴⁷ O aragonês Bento XIII foi antipapa de Avignon entre 1394 e 1423, ano de sua morte. Mesmo sendo deposto pelo Concílio de Constança, recusou a abdicação e não reconheceu Martinho V (1368-1431), eleito em 1417, como papa. Fugiu para Aragão e se instalou na cidade de Peníscola, onde morreu acreditando ser o verdadeiro pontífice. Houve sucessão apostólica em Peníscola, e Gil Sanches (c. 1369-1446) foi aclamado como Clemente VIII. O Grande Cisma do Ocidente só chegou ao fim, definitivamente, em 1429, quando Sanches abdicou de sua condição.

extrapola o período em que a obra foi escrita.⁴⁸ Dito isso, antes de prosseguirmos, destaco um ponto: o apoio da Coroa de Aragão aos papas de Avignon, que perdurou durante os reinados de Pedro IV, o *Cerimonioso*, de João I, o *Caçador* e de Martim I, o *Humano* (1356-1410).⁴⁹ Tal situação permeou toda a discussão apresentada no livro II de *O sonho*.

3. O Grande Cisma do Ocidente em *O Sonho*

A obra literária *O sonho* tem como personagens o próprio autor, Bernat Metge, o rei João I, o *Caçador*, além de duas figuras mitológicas, Orfeu⁵⁰ e Tirésias.⁵¹ Os dois primeiros estabelecem um extenso diálogo, que se desenvolve ao longo dos dois primeiros livros.

⁴⁸ Para uma análise completa (e excelente) do Grande Cisma do Ocidente, ver GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo; LLORCA, Bernardino (org.). **Historia de la Iglesia Católica**. Tomo III. Edad Nueva. La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010. p. 181-267.

⁴⁹ Martim I, o *Humano*, foi irmão e sucessor de João I, o *Caçador*. Foi monarca da Coroa de Aragão entre 1396 e 1410 e último representante da dinastia de Barcelona, além de último descendente legítimo da linhagem de Guifredo, o *Peludo* (830-897), conde de Barcelona. Sua relação com o Grande Cisma do Ocidente esteve na relação amistosa que estabeleceu com o antipapa Bento XIII, membro da família Luna, que era também a de sua esposa, Maria de Luna (c. 1358-1406).

⁵⁰ Personagem mitológico. Por ser poeta e tocar belamente a lira, Orfeu (filho de Calíope e Apolo) fez com que Eurídice se apaixonasse por ele, além de conseguir fazer o cão Cérbero dormir, baixando ao Hades para tentar ressuscitá-la.

⁵¹ Tirésias, adivinho filho de Everes e da ninfa Cáriclo. Andrógeno (homem/mulher/homem), foi escolhido por Zeus e Hera como árbitro num debate sobre o amor. Ao declarar que era a mulher quem sentia maior prazer, desgostou a Hera, que por isso cegou-o. Em compensação, Zeus fez com que fosse capaz de predizer o futuro. Por isso, são atribuídas a Tirésias numerosas profecias. Após sua morte, conservou no Hades seu dom da profecia.

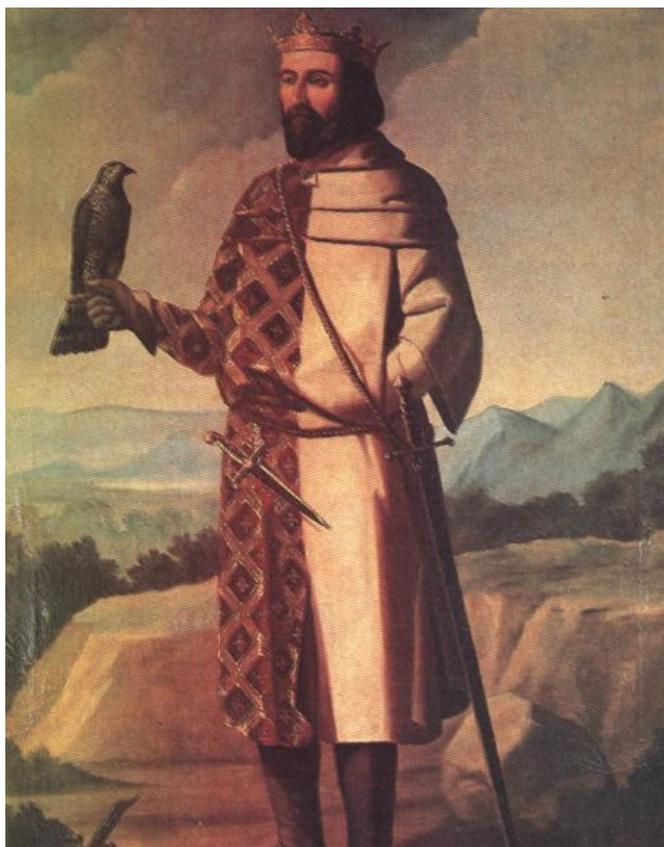


Imagem 2: *Rei Joan l'Amador de la Gentilesa, I d'Aragó, de Catalunya, de València i de Mallorca*, por Manuel Aguirre e Monsalbe (1851-1854). O rei João I, o *Caçador*, é retratado empunhando uma ave de rapina, animal comumente utilizado em um de seus maiores “deleites”, a caça.

No livro II, Metge questiona seu senhor a respeito das causas de sua repentina morte. O rei afirmou que nenhuma morte é repentina, afinal sempre é feita a vontade de Deus. A temática é colocada em evidência com a narrativa de João I sobre sua passagem para a Eternidade.

O rei, após muito relutar, lamentou a Metge sua sorte no Além. Profundamente triste, o *Caçador* disse ser consolado pela esperança de um dia alcançar a salvação, mas que sofria por ainda não ter conseguido, uma vez que se encontrava no Purgatório. Bernat Metge indagou a seu senhor se ele viveu virtuosamente e praticou boas obras. O rei afirmou que em parte sim, mas que também se deleitou de forma pouco prudente com coisas mundanas, como a caça, a música dos cantores e menestréis e as previsões do futuro. É claro que esses pecados não eram por si só suficientes para fazer o monarca estar no Purgatório, uma vez que seus excessos atingiram apenas a ele mesmo. Metge insistiu, então, para que seu senhor revelasse o real motivo de sua condição. D. João, mais uma vez relutante, narrou o ocorrido:

“A penes haguí desemparat lo meu cors, ne podia hom encara bem presumir que fos mort, jo fuy posat em lo juý de Nostre Senyor Déu. E lo príncep dels mals spirits,

acompanyat de terribla companya, comparech aquí al·legant que jo pertanya de dret a ell, per tal com era stat um dels principals nodridors del cisma qui és en la sancta Església de Déu. Per mi li fo respost que no deya veritat, car jo m'era declarat e havia tostemps tengut ab lo vertader vicari de Jesuchrist”.

“Tão logo desamparei meu corpo, e sem ainda poder presumir que estava morto, eu fui colocado no Juízo de Nosso Senhor Deus. O príncipe dos maus espíritos, acompanhado por uma terrível comitiva, ali compareceu, e alegou que eu, por direito, pertencia a ele, já que havia sido um dos principais instigadores do cisma que existe na santa Igreja de Deus. Eu lhe respondi que ele não dizia a verdade, pois eu havia me declarado e sempre estado ao lado do verdadeiro vigário de Jesus Cristo” (BERNAT METGE. *Lo somni*, libre segon II, tradução de Ricardo da Costa, p. 136/138).

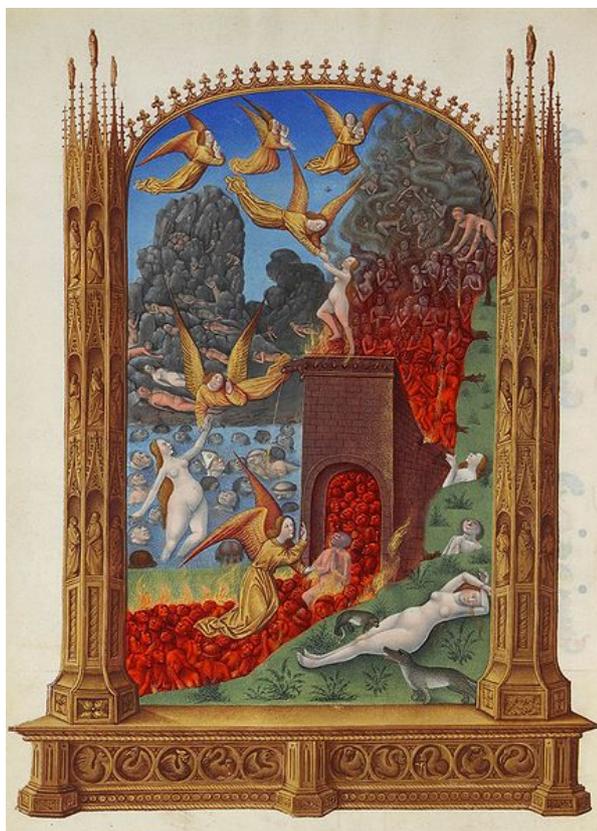


Imagem 3: Iluminura do Purgatório presente no livro de orações *Les Très Riches Heures du duc de Berry* (c. 1411), das Irmãs Limbourg. Pintura sobre papel velino, 29 cm x 21 cm. Museu Condé, Chantilly, França. Na cena, percebemos o sofrimento das almas para se purificarem de seus pecados e a ação dos anjos para livrá-las da condenação. Da mesma forma que as almas da iluminura, D. João sofria para purificar seus pecados e poder alcançar a salvação.

O príncipe dos maus espíritos deixou claro o motivo do rei João I não ter alcançado a salvação: ele fora um dos “instigadores” do *Grande Cisma do Ocidente*, que acometeu a Igreja

Católica em fins do século XIV, como vimos. Com o estabelecimento de duas obediências pontifícias, uma em Roma e outra em Avignon, as monarquias europeias se viram obrigadas a optar por uma delas. No caso de Aragão, o rei Pedro IV, o *Cerimonioso* (pai de João I), preferiu permanecer, inicialmente, neutro. Com o agravamento da crise, acabou optando pelo antipapa de Avignon, Clemente VII. Ao assumir o trono, após a morte de seu pai, João I manteve o posicionamento da monarquia aragonesa a favor da obediência Clementina.

Quando o *Caçador* afirmou que sempre esteve ao lado do verdadeiro vigário de Cristo, o acusador lhe perguntou quem o era. O rei respondeu ser o falecido Clemente (Clemente VII) e seu sucessor Bento (Bento XIII). O *inimigo de Deus* continuou o malicioso interrogatório, questionando o rei como sabia se eles eram os legítimos pontífices, afinal Urbano VI também tinha sido eleito. O monarca respondeu que a indicação dos cardeais foi decisiva para sua escolha. O diabo retrucou dizendo que, ao invés de optar por um dos pontífices, D. João deveria ter tentando a conciliação entre ambos. Como não o fez, o rei foi considerado instigador do cisma, assim como todos os outros príncipes europeus:

“E per tal com res de assò no has fet, pertanys a mi per justícia, axí com a amator del scisma, del qual tu e los altres princeps den món sós stats nodridors. Carl os uns, per vostre propi interès e affecció desordonada, havets feta parta ab papa Clement, e los altres ab Urbà; e ab tant, lo dit scisma há mesas raelis que no seran arranchades de gran temps”.

“Mas como tu não fizesses nada disso, pertences a mim por justiça, como amante do cisma do qual tu e os outros príncipes do mundo foram os fomentadores. Uns, pelo próprio interesse, além de uma afeição desordenada, em apoio ao papa Clemente; outros, a Urbano. Entrementes, o cisma foi de tal modo arraigado que suas raízes não serão arrancadas por muito tempo” (Ibid., p. 142).

O trecho acima revela, em boa medida, além do drama religioso, a dimensão política do *Grande Cisma do Ocidente*. Vimos que, concretizada a ruptura na Igreja, as obediências pontifícias procuraram o apoio no poder temporal dos príncipes europeus. Muitas dessas “alianças” resultaram de interesses puramente particulares das casas reais, uma vez que, nesse momento da história política da Europa, as monarquias tinham um caráter patrimonial, isto é, os reinos eram tidos como patrimônio pessoal dos reis e de suas dinastias. Tal situação justificava, por exemplo, o fato de Portugal apoiar o papado romano simplesmente em oposição a sua inimiga Castela, que defendia o pontífice de Avignon. Nesse trecho da narrativa, Metge critica o comportamento dos soberanos europeus por meio de uma alegoria, quando os considera dignos da condenação eterna, não por terem causado do conflito, mas, por negligenciarem a fé,

fizeram-no crescer vertiginosamente. O próprio João I confessa que a situação dos monarcas no Além não é boa ao dizer a Metge que, desde que o cisma foi instalado, nenhum príncipe alcançou o Paraíso, nem mesmo seu digníssimo pai, o rei Pedro IV. É interessante notar que, mesmo apresentando uma temática política, Bernat Metge não perde de vista o pano de fundo transcendental que caracteriza todas as abordagens de *O sonho*.

Frente a tantas acusações, só restaria ao *Caçador* o Inferno. No entanto, a Virgem Maria defendeu o rei e intercedeu junto a seu filho Jesus, quem acolheu as súplicas de sua mãe e livrou João das penas infernais, embora o monarca só pudesse entrar na glória celeste após a superação definitiva do Cisma. Essa foi uma bela saída literária encontrada pelo autor para não colocar seu digníssimo senhor na mesma condição que os outros príncipes. Isso é justificável pelo fato de Metge ter sido um ferrenho defensor da Coroa de Aragão, de modo que fez de sua obra um panegírico à Casa de Barcelona.

4. Conclusão

A obra de Bernat Metge foi um precioso achado para os estudos de literatura medieval, especialmente a ibérica. Ao conjugar a forma do diálogo platônico em um tratado político-filosófico em defesa da monarquia aragonesa com um conto recheado de alegorias mitológicas e expressões do maravilhoso imaginário da época, Metge elaborou uma obra prima do nascente Humanismo. É apaixonante e envolvente a temática empregada pelo autor catalão que nos faz prosseguir em nosso árduo, mas prazeroso, estudo.

5. Referências Bibliográficas

Fontes

BERNAT METGE. **Lo somni / El sueño** (edición, traducción, introducción y notas de Julia Butiñá. Edición bilingüe catalán-español). Madrid: Centro de Linguística Aplicada Atenea, 2007.

BOÉCIO. **A consolação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DANTE ALIGHIERI. **A Divina Comédia**. Edição bilingüe. 3 volumes. São Paulo: Editora 34, 1998.

PETRARCA, Francesco. **Il canzoniere**. Milano: Rizzoli, 1954.

PETRARCA, Francesco. **Trionfi**. Milano: Rizzoli, 1956.

SANTA CATARINA DE SENA. **Cartas completas**. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

Bibliografia

- COSTA, Ricardo da. O *Sonho de Cipião* de Marco Túlio Cícero. In: LAUAND, Luiz Jean (coord.). **Revista NOTANDUM**, Porto, n. 22, Ano XIII, p. 37-50. jan-abr. 2010. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/sonhocipiao.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2012.
- COSTA, Ricardo da. “Non sine cordis amaritudine et dolore – “No es sin dolor y amargura en el corazón”: Clemente V y la supresión de la Orden del Temple”. In: **Abacus 10 - El filo de la esencia. De la gloria al descenso a los infiernos. Número conmemorativo. 700 años del fin de un mito** (Abril-Junio de 2012), p. 42-57. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/artigo%20Ricardo%20Abacus%2010.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2012.
- GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo; LLORCA, Bernardino (org.). **Historia de la Iglesia Católica**. Tomo III. Edad Nueva. La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.
- MONTENEGRO, Enrique Cantera. Pontificado de Aviñón. In: PALENZUELA, Vicente Ángel Álvarez. **Historia Universal de la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 2005.
- PALENZUELA, Vicente Ángel Álvarez. Cisma y Conciliarismo. In: _____. **Historia Universal de la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 2005.